

INTERPRETAÇÕES SOBRE ANTROPOLOGIA CULTURAL E SEUS USOS NA HISTÓRIA

Milene Aparecida Padilha¹

Resumo: Pensar acerca do que se configura como Antropologia Cultural demanda, de nossa parte um amplo campo de conhecimento e questões que devem nos levar a refletir sobre todas as interações, transformações e transições que ocorrem dentro desta ciência. Devemos também considerar que a Antropologia é uma das ciências que fornece bases para que a História, e mais especificamente nós historiadores possamos moldar nossos conceitos e entender os problemas, as mudanças, as transformações e todos os processos culturais que permeiam não apenas a nossa, mas as mais diversas sociedades. A antropologia cultural, enquanto uma ramificação da sociologia, ambas vizinhas da história, constituem entre si uma teia de relações e simbologias que nos permitem entender os seres humanos e suas tramas com a história, de maneira que a partir da antropologia fora possível abrir espaços para a interpretação de novos objetos. São autores como Clifford Geertz, Roberto DaMatta, Frans Boas, Lília Schwarcz, François Laplantine, Sérgio Buarque de Holanda, dentre outros que nos apontam visões antropológicas possíveis de serem trabalhadas na história, abrindo assim novos campos de investigação novos objetos de pesquisa além de trazerem consigo novas metodologias de pesquisa. Desta maneira, entendemos que existe aí um nexos de possibilidades de pesquisa e investigação interdisciplinas, que permitem à história novos olhares a respeito das relações humanas, sociais, culturais, religiosas, econômicas, de gênero, dentre outras. Um viés antropológico, que permite ao historiador construir sua narrativa e análise pautado em teorias desta disciplina sem que para isso ele esqueça de sua ciência nata: a história. Nosso objetivo neste artigo é exatamente tecer estas relações presentes nesta interdisciplinaridade e analisar de que modo a história adentra no campo da antropologia cultural sem que para isso perca sua conotação histórica, de modo que mesmo analisando as relações humanas numa perspectiva antropológica tenha seu nível de historicidade aguçado e refinado. Também é de nosso entendimento que a história mantém um diálogo com diversas áreas do campo das ciências humanas e neste aspecto é necessário

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, Campus Irati, aluna do PPGH Mestrado em História de Irati, bolsista da CAPES.

entendermos o vínculo entre estas ciências a fim de poder esclarecer também as rivalidades e semelhanças, bastante presentes nestes embates.

Palavras - Chave: História, Antropologia, Interdisciplinaridade.

Pensar acerca do que se configura como Antropologia Cultural demanda, de nossa parte um amplo campo de conhecimento e questões que devem nos levar a refletir sobre todas as interações, transformações e transições que ocorrem dentro desta ciência. Devemos também considerar que a Antropologia é uma das ciências que fornece bases para que a História, e mais especificamente nós historiadores possamos moldar nossos conceitos e entender os problemas, as mudanças, as transformações e todos os processos culturais que permeiam não apenas a nossa, mas as mais diversas sociedades. A antropologia cultural, enquanto uma ramificação da sociologia, ambas vizinhas da história, constituem entre si uma teia de relações e simbologias que nos permitem entender os seres humanos e suas tramas com a história, de maneira que a partir da antropologia fora possível abrir espaços para a interpretação de novos objetos. São autores como Clifford Geertz, Roberto DaMatta, Frans Boas, Lília Schwarcz, François Laplantine, Sérgio Buarque de Holanda, dentre outros que nos apontam visões antropológicas possíveis de serem trabalhadas na história, abrindo assim novos campos de investigação novos objetos de pesquisa além de trazerem consigo novas metodologias de pesquisa. Desta maneira, entendemos que existe aí um nexos de possibilidades de pesquisa e investigação interdisciplinas, que permitem à história novos olhares a respeito das relações humanas, sociais, culturais, religiosas, econômicas, de gênero, dentre outras. Um viés antropológico, que permite ao historiador construir sua narrativa e análise pautado em teorias desta disciplina sem que para isso ele esqueça de sua ciência nata: a história.

Porém antes de qualquer coisa, é necessário abordarmos aqui um pouco da história desta Antropologia, tão repleta de convenções e significados. Podemos entendê-la baseada nos que nos fala Laplantine, ao mencionar em Aprender Antropologia sobre a pré-história da antropologia. Segundo ele: “a gênese da reflexão antropológica é contemporânea à descoberta do Novo Mundo”. (LAPLANTINE, 2007, p. 37). A partir disto, podemos

entender que, com as grandes navegações e também com os primeiros contatos entre as diferentes civilizações acontece o estranhamento por parte daquele que era diferente, neste caso, os povos que se habitavam a América e foram encontrados pelos conquistadores.

Sabemos, com base no que o autor nos mostra, que o critério inicial para definir estes povos era religioso. Porém, estes critérios partem para um campo mais variado na medida em que os contatos se mostram mais frequentes. Passam desta forma, para aparência física, comportamentos alimentares, inteligência, fala e línguas comuns. Os diferentes, logo após este primeiro contato, logo são determinados e classificados como selvagens e para afirmar tais projeções, os conquistadores baseiam-se nestes mesmos critérios, e assim, estabelecem os mitos do bom e do mau selvagem.

Sobre isto, o autor destaca: “a extrema diversidade das sociedades humanas raramente apareceu aos homens como um fato, e sim como uma aberração exigindo justificação”. (LAPLANTINE, 2007, p. 40). Partindo desta afirmação, podemos perceber que as diferentes culturas, e podemos sem sombra de dúvidas afirmar que os povos encontrados na América baseados em inúmeros autores, como Jorge Luiz Ferreira, Eduardo Natalino dos Santos, que nos mostram a diversidade e a riqueza presentes nas civilizações americanas, para nós, mais especificamente os povos denominados indígenas.

O fato que cabe- nos destacar aqui é que a Antropologia passou por todo um processo de construção e reconstrução ao longo dos tempos. Se no século XV a antropologia era destacada nas relações entre índio - europeu, a partir do século XIX a classificação das culturas já passa a se estabelecer com base em dados concretos como os critérios geográficos, a localização longitudinal e latitudinal, e a diferenciação entre Velho e Novo Mundo.

O mesmo autor nos mostra que este processo de construção e reconstrução da antropologia passou por uma ruptura com muitos modelos anteriormente em vigor:

A abordagem antropológica de base, a que todo pesquisador considera hoje como incontornável, quaisquer que sejam por outro lado suas opções teóricas, provém de uma ruptura inicial em relação a qualquer modo de conhecimento abstrato e especulativo, isto é, que não estaria baseado na *observação direta dos comportamentos sociais a partir de uma relação humana*. (LAPLANTINE, 2007, p. 149).

Entendemos desta maneira, que as relações antropológicas vão muito além da simples observação dos fatos e as relações que se estabelecem entre uma e outra sociedade.

E o autor, continua na defesa de sua ideia: “não se pode estudar os homens à maneira do botânico examinando a samambaia ou do zoólogo observando o crustáceo; só se pode fazê-lo *comunicando-se com eles*: o que supõe que se compartilhe a sua existência de maneira durável (...) ou transitória (...).” (LAPLANTINE, 2007, p. 149).

A partir desta afirmação, podemos entender ainda melhor como se estuda a antropologia e qual o melhor caminho para entender as relações sociais que são estabelecidas em cada comunidade. Com esta fala, o autor quer nos mostrar que a antropologia difere das ciências naturais no sentido de que ela não examina apenas o que é exterior ao indivíduo, mas compreende também o que está no seu interior, o que determina se a sua sociedade é desta ou daquela maneira, como são e como se afirmam perante as demais sociedades.

Em meados do século XX a antropologia passa por uma crise de objeto e se insere dentro de uma abordagem micro - sociológica. Ela não tem objeto que não lhe seja próprio. Aqui também se verifica o estudo da totalidade. Também neste mesmo período, configura-se a influência da Antropologia na História:

Mas é sobretudo na História, ao meu ver, que assistimos a um deslocamento radical do campo da curiosidade. Trata-se de ir do público para o privado, do Estado para o parentesco, dos “grandes homens” para os atores anônimos, e dos grandes eventos para a vida cotidiana. Sob a influência da escola dos *Annales*, a história contemporânea, pelo menos na França, tornou-se uma história antropológica, isto é uma história das mentalidades e sensibilidades, uma história da cotidianidade material. (LAPLANTINE, 2007, p. 155).

Aqui, podemos abrir um parêntese para refletir sobre a importância que a antropologia teve na história, principalmente com a chegada à contemporaneidade. A partir do leque aberto pela escola dos *Annales*, que permitiu a História vasculhar seu campo de pesquisa, os historiadores puderam fazer uso da antropologia na medida em que faziam dos seres humanos, suas ideias, seus sentimentos e suas ações, o objeto de estudo e de investigação. E nesta brecha, a vida cotidiana invade a vida privada ao ponto de mesclarem-se de tal forma que se tornasse quase impossível diferir uma da outra. A antropologia deste período permitiu aos historiadores analisar os seres humanos de uma nova maneira, os afirmando como seres ativos da história, seres que não apenas eram matéria, mas também simbologia e sensibilidades.

Laplantine também nos propõe a lembrar de que o observador deve ser parte integrante do objeto de estudo, isto é, ao pesquisar sobre determinada cultura ele deve abster-se de todos os pré conceitos que eventualmente possa ter com relação à cultura do outro. Sabemos muito bem, que nós possuímos uma visão etnocêntrica em relação ao outro e desta forma, tudo o que nos é exterior é costumeiramente visto como diferente e portanto, estabelecemos um julgamento distintivo sobre estas sociedades e normalmente elas são discriminadas por nós.

No caso do observador, mais precisamente, do etnógrafo, ele deve separar-se de suas concepções e inserir-se na cultura do outro, ao ponto de não reconhecer-se mais como o outro, mas como um eu participante daquela cultura: “pois a antropologia é também a ciência dos observadores capazes de observarem a si próprios, e visando a que uma situação de interação (sempre particular) se torne o mais consistente possível. Isto é o mínimo que se possa exigir do antropólogo”. (LAPLANTINE, 2007, p. 170.). Isto quer dizer que o observador não será como pretendia Ranke: um escritor da verdade tal como ela foi, mas sim estabelecerá as relações sociais levando em conta sua influência naquele meio e interagindo com os demais.

Não podemos também nos esquecer de que a antropologia também passa por tensões, mas Laplantine bem coloca que muitas delas são tensões constitutivas.

Encontramos no conjunto do campo antropológico um certo número de tensões importantes, opondo a universalidade e as diferenças, a compreensão “por dentro” e a compreensão “por fora”, o ponto de vista do mesmo e o ponto de vista dos outros... Mas essas tensões são verdadeiramente constitutivas da própria prática da antropologia. Esta última só começa a existir a partir do momento em que o pesquisador se entrega a um confronto entre esses diversos termos, vive dentro de si essas tensões, frequentemente esforça-se em pensa-las e dar conta delas. Correlativamente, parece-me que a antropologia tem todas as chances de se engajar em um impasse, em um desvio em relação ao modo de conhecimento que persegue, toda vez que um dos polos em questão domina o outro. (LAPLANTINE, 2007, p. 182).

Portanto, podemos ver que na própria antropologia as tensões tendem a fortalecer tanto a pesquisa quanto o pesquisador. Sempre aparecerá em qualquer pesquisa, os dois lados da moeda, as duas versões sobre um mesmo fato, as questões pertinentes aos assuntos trabalhados a polarização dos temas, as perspectivas de uma sobre outra sociedade e vice versa. E é a partir destas tensões que se constroem no seio da pesquisa antropológica que se construirão novas versões sobre uma nova cultura, que poderemos ter melhores

entendimentos sobre o que se mostra novo, mas que na verdade já estava há tempos presente na sociedade e nós, por uma ou outra razão deixamos de perceber e valorizar.

Um dos grandes desafios para muitos dos historiadores é definir o papel da antropologia, da sociologia mesmo e estabelecer até que ponto pode entrelaçar as duas ciências: a antropologia e a história. Não é muito difícil perceber os limites de cada uma delas e os seus objetos de pesquisa, que muitas das vezes tratam-se do homem. Mas podemos nos pautar na ideia de um grande pensador destas questões, que nos define um pouco melhor qual é o papel e a importância da antropologia na sociedade. Este pensador é Marcel Mauss, que, em meio a análise das trocas recíprocas nas antigas sociedades e o valor de tais trocas, nos dá o seu parecer:

Nós, sociólogos, observamos reações completas e complexas de quantidades numericamente definidas de homens, de seres completos e complexos. Também nós descrevemos o que eles são em seus organismos e suas psiques, ao mesmo tempo em que descrevemos o comportamento dessa massa e as psicoses que lhes correspondem: sentimentos, ideias, volições da multidão ou das sociedades organizadas e de seus subgrupos. Também nós vemos corpos e as reações desses corpos, das quais ideias e sentimentos costumam ser as interpretações e mais raramente, os motivos. O princípio e o fim da sociologia é perceber o grupo inteiro e seu comportamento inteiro. (MAUSS, 2003, p. 311,312).

A partir do que Mauss nos mostra, percebemos o quão complexa é a tarefa tanto da sociologia quanto da antropologia, na medida em que estas trabalham não apenas com ideias, mas também com números, dados significativos, completos e complexos, que duram anos para serem analisados e interpretados à luz de tais ciências.

Porém, o mesmo autor nos fala sobre as evoluções e progressões pelas quais as sociedades passam a partir destas reciprocidades, destas trocas, materiais e simbólicas, que foram por ele analisados. Ele nos mostra que a partir do momento em que as sociedades estabeleceram um sistema de troca, como já dissemos fossem materiais ou simbólicas, elas pretendiam evoluir estas práticas, isto é, na medida em que o tempo fosse passando, as trocas recíprocas ou não sofreriam inúmeras transformações, assim:

As sociedades progrediram na medida em que elas mesmas, seus subgrupos e seus indivíduos, souberam estabilizar suas relações, dar, receber, e enfim, retribuir. Para começar, foi preciso inicialmente depor as lanças. Só então se conseguiu trocar os bens e as pessoas, não mais apenas de clãs a clãs, mas de tribos a tribos, de nações a nações e – sobretudo – de indivíduos a indivíduos. Só então as pessoas souberam criar e satisfazer interesses mútuos, e finalmente, defendê-los sem precisar recorrer às armas. (MAUSS, 2003, p. 313)

Se por um lado temos Marcel Mauss nos falando das funções e das atividades pertinentes aos sociólogos de maneira geral, encontramos em Franz Boas o que ele chama de limitações do método comparativo da antropologia. Boas nos afirma que:

A antropologia moderna descobriu o fato de que a sociedade humana cresceu e se desenvolveu de tal maneira e por toda a parte, que suas formas, opiniões e ações têm muitos traços fundamentais em comum. Essa importante descoberta implica a existência de leis que governam o desenvolvimento da sociedade e que são aplicáveis tanto à nossa quanto às sociedades de tempos passados e de terras distantes; eu seu conhecimento será um meio de compreender as causas que favorecem e retardam a civilização; e que, guiados por este conhecimento, podemos ter a esperança de orientar nossas ações de tal modo, que delas advenha o maior benefício para a humanidade. Desde que esta descoberta foi claramente formulada a antropologia começou a receber o generoso quinhão de interesse público que lhe havia sido negado enquanto se acreditou que ela não poderia fazer mais do que registrar curiosos costumes e crenças de povos estranhos; ou, na melhor das hipóteses, retraçar suas relações e, dessa forma elucidar as antigas migrações das raças e as afinidades entre os povos. (BOAS, 2010, p. 25).

Aqui é possível compreender a respeito das tensões às quais Mauss se referia, mesmo afirmando serem elas constitutivas. Boas nos mostra que por muito tempo a antropologia esteve apenas na informalidade e muitos a consideravam uma disciplina marginal frente aos momentos pelos quais cada sociedade passou. Mas ele retoma que a modernidade descobriu a grande importância de se proceder a uma ciência que estabelecesse de fato, as relações ou as diferenças advindas destas relações sociais.

Boas ainda nos mostra que mesmo após se levar em consideração a atividade antropológica com a chegada da modernidade, muitos ainda afirmam que: “Algumas investigações pertencem ao historiador e que os estudos antropológicos devem limitar-se às pesquisas sobre leis que governam o desenvolvimento da sociedade”. (BOAS, 2010, p. 25, 26). Isso quer dizer que mesmo considerando a antropologia, seus críticos ainda colocam nela limitações, barreiras para que, de certa maneira, haja a estigmatização da mesma.

O autor nos coloca a par de alguns métodos usados pela antropologia no sentido de interpretar as culturas. Dentre eles podemos destacar: o de “isolar e classificar as causas”, “o estudo detalhado de costumes em sua relação com a cultura total da tribo que os pratica”. Mas nos afirma que:

A grande e importante função do método histórico da antropologia parece-nos residir, portanto, em sua habilidade para descobrir os processos que, em casos definidos, levam ao desenvolvimento de certos costumes. Se a antropologia deseja estabelecer as leis que governam o desenvolvimento da cultura, ela não pode se limitar a comparar apenas os resultados desse desenvolvimento; sempre que possível, deve comparar os processos de desenvolvimento que podem ser

descobertos por intermédio de estudos das culturas de pequenas áreas geográficas. (BOAS, 2010, p. 38).

Boas, desta maneira, se põe a criticar com propriedade as limitações que são impostas à antropologia. Nos mostra também que se é preciso entender as leis não basta apenas comparar, mas é necessário interpretar e interagir com as culturas e civilizações em questão, e por fim ele nos coloca que muito já se pensa em termos de fundamentação teórica para a antropologia e finaliza: “até agora temos nos divertido demais com devaneios mais ou menos engenhosos. O trabalho sólido ainda está todo à nossa frente.” (BOAS, 2010, p. 39).

Partindo destas bases, das quais temos falado até agora, podemos perceber todo o processo pela qual a antropologia passou e tem passado para que possa estabelecer as suas relações com o seu objeto de estudo: os seres humanos. Falar numa ciência, que demanda toda uma complexidade de relações e dependência com outras ciências é algo que se configura absolutamente amplo. Podemos pensar a antropologia desde seus primórdios até hoje de maneiras simplistas, mas podemos encontrar relatos imensos, amplos e totalmente complexos sobre civilizações consideradas mesquinhas, muitas vezes. E também podemos perceber em muitas análises, o quanto a antropologia tem o papel de desmistificar visões, desconstruir estereótipos de culturas, que muitas vezes nos pareciam extremamente complexas.

DaMatta é quem nos coloca a par destas questões que atormentam nosso imaginário: “o resultado, é que a antropologia social é certamente a disciplina social que mais tem posto em dúvida e risco alguns dos seus conceitos e teorias básicas”. (DAMATTA, 2010, p.169).

O que ele quer nos dizer com esta afirmação é nada mais nada menos que a antropologia muda, transforma-se, adapta-se. Ele não é inflexível, imutável, mas está em constante construção, assim como cada sociedade. A antropologia tem evoluído juntamente com as sociedades e mais, ela está presente nestas sociedades para decifrá-las, da mesma maneira que o fez com as sociedades antigas.

E como ele afirma:

Essa descoberta da antropologia social como matéria interpretativa segue, por outro lado, uma tendência da disciplina. Tendência que modernamente parece marcar sua passagem de uma ciência natural da sociedade, como queriam os empiristas ingleses e americanos, para uma ciência interpretativa, destinada entes

de tudo a confrontar subjetividades e delas tratar (...) e o problema (...) é admitir que o homem não se enxerga sozinho. E que ele precisa do outro como seu espelho e seu guia. (DAMATTA, 2010, p. 198, 199).

Assim, o autor nos faz entender uma das maiores riquezas que a antropologia nos dispõe: a maneira de poder entender o outro a partir do que ele mesmo nos mostra. Compreendê-lo como sujeito ativo de nossa sociedade, complexa, ampla, vasta e repleta de simbologias, significados e diversidades culturais. Que deixando de ser ciência natural e passando a ser ciência social, ela pode contribuir muito mais do que se poderia imaginar e que os reflexos desta mudança nos ajudaria a entender um pouco melhor a respeito das culturas que estão ao nosso redor, tratando-as como diferentes e não por isso estigmatizadas, discriminá-las ou atingi-las de qualquer modo. Mas fazer delas nossas aliadas e aprender juntas a dar significado nessas relações.

DaMatta também nos mostra a importância da sociologia como uma ciência que analisa a totalidade e, pegando um gancho no que ele nos mostra, podemos compreender um pouco daquilo que Geertz quis nos dizer ao afirmar:

A cultura, esse documento de atuação, é portanto pública, como uma piscadela burlesca ou uma incursão fracassada aos carneiros. Embora uma ideiação, não existe na cabeça de alguém; embora não é uma identidade oculta. O debate interminável, porque não-terminável, dentro da antropologia, sobre se a cultura é “subjetiva”, ou “objetiva”, ao lado da troca mútua de insultos intelectuais (...) que o acompanha, é concebido de forma totalmente errônea. Uma vez que o comportamento humano é visto como ação simbólica (...) o problema se a cultura é uma conduta padronizada ou um estado da mente ou mesmo as duas coisas juntas, de alguma forma perde o sentido. (GEERTZ, 1989, p. 08).

Com esta afirmação podemos ver o quão complexo é discutir a antropologia e suas relações com o objeto de estudo. Como o autor nos mostra, embora a cultura seja uma formação ideológica ela não está afixada apenas na cabeça das pessoas, mas também em suas maneiras, seus estilos, sua língua, da mesma maneira que não sendo palpável é possível de ser percebida.

Geertz é considerado um dos grandes pensadores da antropologia moderna e para tanto ele baseia-se na descrição densa, ou seja, “a teoria interpretativa da cultura”, segundo a qual traz consigo uma análise minuciosa e abrangedora de todos os aspectos culturais presentes em determinada sociedade a fim de que se possa ter uma certa interpretação sobre a mesma.

A partir de então podemos pensar a cultura como algo significativo e ao mesmo tempo complexo. Ela deriva de todo um processo de construção social, no nosso caso, feito a partir do desembarque dos primeiros viajantes. A imagem de um Brasil como cultura fora se formando a partir dos contatos e das pré visões que tais viajantes possuíam e que os fizeram ver em nosso país ao mesmo tempo o paraíso e o inferno (Cf. Holanda, 1983, p. 24).

E uma grande escritora toma partido destas discussões a partir da década de 70: é Lília Schwarcz, que nos mostra os feitos de uma colonização puramente intensivista e exploradora e suas consequências em nossa formação cultural.

Ela nos mostra acerca das grandes teorias do período moderno, tais como o evolucionismo de Darwin. O rousseanismo, o positivismo e as polarizações da conquista: a edenização, a detração, a emergência das raças, o paradigma da evolução. A partir destes conceitos, ela vai traçando a sua linha de pesquisa e nos afirma que:

“no entanto, na medida em que este tipo de teoria se transformou, no Brasil, em uma espécie de jargão comum até os anos 30, torna-se quase impossível o estudo da totalidade dos intelectuais nacionais que opinaram sobre a questão racial. A opção será, dessa maneira, tomar os autores não de forma isolada, mas vinculados às instituições das quais participavam e representavam, por sua vez, no contexto maior de discussão intelectual”. (SCHWARCZ, 1993, p. 65).

Assim, podemos entender que os autores que pensavam sobre tais conceitos e teorias, presentes na análise da autora entre 1870 e 1930, tinham visões diferentes sobre um mesmo assunto e que era impossível estudar a todos eles. Por isto ela fala de estudá-los correlatos à instituição da qual faziam parte e, desta forma seria possível um melhor entendimento.

A autora nos mostra também em seu artigo sobre a questão da multiplicidade racial e das misturas raciais, que eram objetos de análise destes autores das quais ela fala e da importância deste hibridismo na formação desta cultura brasileira.

Assim, podemos mais uma vez estabelecer cultura como um campo vasto de observação e análise, afinal ela não reside apenas nos costumes de uma sociedade, mas também na sua etnia. A análise antropológica e cultural da qual vimos abordando durante este ensaio pressupõe uma ligação com a história.

Dizemos isto no sentido de que a antropologia, sendo uma das ciências auxiliares da História, tem se mostrado extremamente útil em nosso campo de pesquisa, e

mais ainda se os trabalho e pesquisas estão diretamente relacionados com os seres humanos e as relações que os permeiam.

Da mesma maneira que a antropologia faz uso da história a fim de contextualizar um determinado período, a história faz uso da antropologia a fim de entender melhor os seres humanos, a cultura da qual estes fazem parte, as interações que aí são estabelecidas, os fatores que determinam as leis, os julgamentos e a questão do poder presentes em todas as culturas. E como nos diz Lília em um artigo de 225 sobre antropologia e história:

Esses são os desafios de uma “antropologia histórica”, na perspectiva de Bloch, de uma “história antropológica”, na versão de Sahlins, ou de uma “antropologia da história”, expressão com que iniciei este ensaio e que implica privilegiar, como que Lévi-Strauss, várias historicidades. Não se trata de jogar com palavras, mas antes de assinalar uma questão tão complexa como antiga: afinal somos todos nativos de nossas muitas temporalidades. Ou como diria Thomas Mann: “a história é muito mais velha que seus anos” (SCHWARCZ, 2005, p.135).

Desta maneira terminamos nosso ensaio, ressaltando que a análise antropológica é fruto da análise histórica e vice-versa. Ad duas ciências caminham juntas para o bem maior da humanidade e a fim de poder melhor interpretá-las e desmistificas toda e qualquer lacuna que ainda possa existir na interpretação das culturas, que são ricas, únicas novas, diferentes, e como tais devem ser tratadas.

Referências Bibliográficas:

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Tradução: Celso Castro. 6ª edição-Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2010.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1963.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. Tradução: Marie-Agnès Chauvel. Prefácio: Maria Isaura Pereira de Queros. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Questões de Fronteira**. Novos estudos, nº 72, julho 2005, p. 119-135.